

AS CONSTRUÇÕES DE SENTIDO EM MANIFESTAÇÕES POPULARES NO CONTEXTO PANDÊMICO

Iasmin dos Santos Silva (UEMS)¹

Aline Saddi Chaves (UEMS)²

RESUMO

Desde maio de 2021, no Brasil, estão ocorrendo manifestações populares ligadas ao momento histórico da pandemia de Covid-19, cujo cenário envolve uma série de crises: sanitária, política, econômica e midiática. Tendo ciência da importância de se abordar tais temas, e levando em conta sua atualidade, é que nasce este trabalho. Considerando que as manifestações são ambientes onde ocorre uma alta produção, circulação e ressignificação de discursos, eles serão pensados aqui enquanto acontecimentos históricos e consequentemente discursivos, pela ótica da Análise do Discurso de linha francesa. Buscamos interpretar as construções de sentido desses acontecimentos por meio da análise descritiva e explicativa dos cartazes empunhados pelos manifestantes. O *corpus* da pesquisa é composto por fotos dos cartazes, coletadas nas redes sociais. Além de serem tomados como acontecimentos discursivos, os cartazes são abordados enquanto gêneros do discurso, o que nos permite descrever as cenas enunciativas (englobante, genérica e cenografia), as condições de produção, os interdiscursos e a memória discursiva atualizados no *corpus*, visto que, dentre os cartazes selecionados, a maioria faz referência a outros episódios da história do país e do mundo. Desse modo, por meio das cenas envolvidas na enunciação dos cartazes, a memória de outros acontecimentos e discursos ressurge a partir da amálgama entre a pandemia de Covid-19 e episódios bíblicos, o ataque a Hiroshima, genocídios, representações midiáticas, entre outros. Esses efeitos de sentido são veiculados pelas cenografias inéditas dos cartazes, a exemplo de poema e placa de sinalização. Enquanto acontecimento discursivo, temos as condições de produção da pandemia como determinantes para as (re)construções de sentido nas manifestações de rua.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Pandemia. Acontecimento discursivo. Cartaz.

¹ Aluna regular de mestrado acadêmico do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Campo Grande (UUCG).

² Docente e orientadora no Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Campo Grande (UUCG).

INTRODUÇÃO

O ano de 2020 ficou marcado pelo surgimento de uma doença nova, que assombra o mundo até os dias atuais: a Covid-19³. A doença é causada por uma cepa do Coronavírus comum, a SarsCOV-2, que tem alto índice de infecção e causa síndrome respiratória, levando muitos dos infectados a óbito num curto período de tempo.

O primeiro caso registrado do vírus foi na cidade de Wuhan, na província de Hubei na China, em dezembro de 2019. No início de janeiro de 2020, a OMS emitiu o primeiro comunicado de atenção ao novo vírus, quando havia o registro de 44 casos. Ao final de janeiro, foi emitido pela OMS um novo comunicado em que se admitia o risco de epidemia e no dia 11 de março a OMS classificou o momento como pandemia⁴ e devido ao grande potencial de infecção, o vírus foi e ainda é responsável pelo risco de colapso na saúde. Atualmente, no mundo, já foram registrados 217.534.272 casos e o número de óbitos é de 4.516.002.⁵

No Brasil, o primeiro caso do vírus foi registrado no final de fevereiro de 2020, e assim como em outras parte do mundo, em pouco tempo o número de casos quase que triplicaram. Hoje, o Brasil já soma 20.776.870 casos e 580.413 óbitos.⁶ Devido ao número de infectados e às condições precárias do sistema público de saúde brasileira, o colapso aconteceu, com inúmeros hospitais operando acima de suas capacidades e pacientes necessitando de atendimento.

Quando, no Brasil, a quantidade de casos começou a aumentar, repercutiram declarações polêmicas advindas do Presidente da República, Jair Bolsonaro. Dentre elas, o incentivo à população para sair de casa e a não utilizar máscaras, enquanto a OMS recomendava o contrário, a redução do risco do vírus, quando em uma *live*, o presidente declarou que seria apenas uma “gripezinha” mesmo os números indicando um alto risco de morte⁷, a popularização do uso de medicamentos que foram cientificamente comprovados ineficazes para o tratamento da Covid-19, como por exemplo a Cloroquina⁸, e a mais recente delas é a relutância do Presidente com relação às vacinas, colocando à prova, publicamente, a eficácia e confiança nos imunizantes produzidos e ainda a demora para adquirir a quantidade suficiente de vacinas para imunizar a população.

É por meio desta rápida contextualização que chegamos ao início da construção do *corpus*, constituído por cartazes das manifestações de 19 de junho de 2021, que circularam nas redes sociais nos dias seguintes à data da manifestação, e também se delinea o objetivo desta pesquisa, que consiste em analisar os cartazes, os quais (re)constróem, através da língua enquanto materialidade, os significados no contexto de pandemia, tanto relacionando-os ao momento histórico, como à figura do Presidente da República, Jair Bolsonaro.

Para realizar as análises, tomamos como base teórica a Análise do Discurso Francesa (AD), disciplina nascida na França, no final da década de 1960, que tem como principal nome e fundador o filósofo Michel Pêcheux⁹, e que inaugura um novo objeto teórico, o discurso, sustentado por três

³ Sigla advinda da união das letras (*Co*)rona (*Vi*)rus (*D*)isease e 19, que corresponde ao ano em que foram divulgados os primeiros casos da doença.

⁴ Disponível em: <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em 30/08/2021

⁵ Dados coletados em 31/08/2021. Disponível em <https://operamundi.uol.com.br/coronavirus/63574/mapa-da-covid-19-siga-em-tempo-real-o-numero-de-casos-e-mortes-por-covid-19-no-mundo>.

⁶ Dados coletados em 31/08/2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/covid-19-brasil-tem-segundo-dia-seguido-com-menor-media-movel-de-obitos-do-ano/>.

⁷ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53328603>. Acesso em 02/09/2021.

⁸ Disponível em: <https://iqm.unicamp.br/evvid%C3%AAncias-cient%C3%ADficas-sobre-uso-da-cloroquina-contracovid-19>. Acesso em 02/09/2021.

⁹ (MALDIDIER, 2003).

principais disciplinas: Linguística, História e Psicanálise, dos quais focaremos alguns de seus principais conceitos: *acontecimento discursivo*, *interdiscurso*, *memória discursiva*. Ainda no âmbito da Análise do Discurso Francesa, mas considerando seus desdobramentos mais recentes, trabalharemos também com o conceito de *gêneros do discurso*, abordados pelo teórico Dominique Maingueneau.

Inicialmente, situaremos as manifestações como acontecimentos históricos, pela perspectiva discursiva, como acontecimentos discursivos, com base em Pêcheux (1990; 2008), pois são situações comunicativas de grande produção e circulação de discursos. Para conduzir as análises dos cartazes, pensaremos o cartaz enquanto gênero do discurso, a partir de Maingueneau (2015; 2021), que fornece ferramentas descritivas das *cenos enunciativas* que enquadram os textos: a *cena englobante*, a *cena genérica* e a *cenografia* (MAINGUENEAU, 2008; 2012). Tendo ciência, ainda, de que os cartazes trazem à memória episódios importantes da história do país e do mundo atualizados no contexto pandêmico, abordaremos neste artigo os conceitos de interdiscurso e memória discursiva (MAINGUENEAU, 2008; 2021).

FILIAÇÃO TERÓRICA

Acontecimento e memória

Pêcheux (1990) vai dizer que o acontecimento nasce no exato momento de encontro entre a atualidade e uma memória (discursiva), assim definida por ele:

... a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os implícitos (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos e etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 1995, p. 52)

Assim, para a AD, o acontecimento discursivo resulta de um acontecimento histórico que é discursivizado de diferentes maneiras, por diferentes sujeitos, resultando em diferentes efeitos de sentido, resgatando significados anteriores guardados na memória discursiva que agora se atualiza em novas condições de produção (contexto imediato + contexto histórico), pois, para Pêcheux (1990), todo enunciado é capaz de se tornar outro e de ter seu sentido inicial deslocado para outro, dando espaço a novas interpretações. Ainda sobre o acontecimento, sobre como surgem, Rassi (2012) vai dizer que:

Para que um acontecimento discursivo surja como tal, é preciso que alguém o crie [...] Assim como nos acontecimentos históricos, o acontecimento discursivo é o resultado de uma opção do autor, que encadeia uma série de formações discursivas preexistentes, levando à criação de um novo acontecimento. (RASSI, 2012, p. 4)

Pensando em nosso objeto, as manifestações, entendidas como acontecimentos históricos desencadeados por outros acontecimentos históricos, elas são discursivizadas por inúmeros sujeitos que constroem e reconstroem os sentidos da pandemia, da figura do Presidente e de inúmeros outros, resgatados pela memória discursiva coletiva nas condições de produção atuais.

O cartaz enquanto gênero do discurso

Para contribuir na condução das análises, neste trabalho, os cartazes são compreendidos enquanto gêneros do discurso, passíveis de uma construção organizada por meio de suas cenos de enunciação.

Maingueneau (2021) explica que “todo enunciado está inscrito em um gênero de discurso, os dados verbais são sempre formatados por restrições de gênero” (MAINGUENEAU, 2021, p. 108), e define gênero do discurso como “instituição de fala, dispositivo de comunicação sócio-historicamente determinado” (MAINGUENEAU, 2021, p. 66). Além disso, os gêneros do discurso são responsáveis por organizar as chamadas unidades tópicas, que contribuem para a categorização dos discursos para as análises. Como exemplo de gêneros do discurso, podemos citar a receita médica, o romance literário, a aula, o jornal televisivo etc. Os cartazes são enunciados a partir de um dispositivo comunicacional que lhe impõe restrições, visto que estabelecido por um acordo sócio-histórico, e seu uso se dá no interior de uma determinada esfera de atuação da sociedade, a saber, o discurso da ação coletiva, que tem forte relação com a política.

Os gêneros só ganham sentido quando relacionados à noção de tipos de discurso, classe superior definida como “práticas discursivas ligadas a um mesmo setor de atividade, agrupamentos de gêneros estabilizados por uma mesma finalidade social” (MAINGUENEAU, 2021, p. 66). Os gêneros podem entrar em três *modos de agrupamento*: “I) como gêneros da esfera de atividade; II) Como decorrendo de um posicionamento; III) Como gêneros produzidos no interior de diversos lugares de atividade” (MAINGUENEAU, 2021, p. 67). Tomando como exemplo o *corpus* desta pesquisa, podemos classificá-lo da seguinte maneira: um gênero da esfera da ação coletiva, que “permeia entre as esferas política e cotidiana. As esferas não são fixas [...]” (NOVAES, p. 68, 2019) pois os enunciados falam de política mas não são produzidos por sujeitos da política, as manifestações são espontâneas e seus enunciados surgem tal qual conversas cotidianas; possui um claro posicionamento de oposição ao atual governo do país que é de direita, sendo assim, o posicionamento dos manifestantes diretamente ligado aos ideais da esquerda, e como lugar de atividade, temos as ruas. Mas vale ressaltar que um gênero pode transitar por diferentes lugares, assim, não encontraremos cartazes somente em manifestações populares nas ruas, mesmo que na maioria dos casos isto ocorra desse modo.

Outra forma de agrupar os gêneros do discurso é de acordo com a sua *fonte*, que pode provir de *locutores individuais* (sujeitos ocupantes de estatuto/papel social) e de *locutores coletivos*, que são os que não são passíveis de classificação individual, mas sim enquanto *instituições* que querem “[...] construir, reforçar e legitimar sua identidade em determinada conjuntura” (MAINGUENEAU, 2021, p. 75), ressaltando que essas instituições não são, necessariamente, formais, podendo ser, por exemplo, um conjunto de manifestantes, como é o caso dos sujeitos envolvidos no *corpus* deste artigo.

Ainda sobre os gêneros do discurso, Maingueneau (2021a) vai dizer que eles podem ser classificados em três grupos: os *gêneros autorais* (atribuídos pelo próprio autor), *conversacionais* (caráter imediato, igualitário e não acabado, informal) e por último, tem-se o que o autor chama de *gêneros rotineiros* (sócio-historicamente determinados; circunstâncias de enunciação pré-determinadas e imutáveis). Considerando a espontaneidade das manifestações, podemos classificá-las como parte dos gêneros conversacionais, pois significam no contexto imediato, e as posições de seus enunciadores são as mesmas, todos estão enunciando a respeito de um mesmo assunto em uma mesma posição.

As cenas de enunciação e o gênero cartaz

Para Maingueneau (2021), todo discurso é gerido pela encenação da sua enunciação. Usa o termo cena pois ele se refere simultaneamente a um quadro e a um processo, é o espaço onde se dão as representações e as sequências de ações verbais e não verbais. A *cena de enunciação*, para se

completar, se associa sempre à *cena englobante* e à *cena genérica* e na maioria dos casos também se associa à *cenografia*.

A *cena englobante* é a cena que corresponde ao *tipo de discurso*. Quando lemos/ouvimos um discurso, sabemos “em qual cena englobante devemos nos colocar para interpretá-lo, para saber de que modo ele interpreta o seu leitor” (MAINGUENEAU, 2012, p. 116). É a cena responsável por definir o estatuto dos parceiros da enunciação e seu *quadro espaciotemporal*. Um mesmo discurso pode participar de mais de uma cena englobante simultaneamente: “A partir do momento em que um texto é conservado e reempregado em um novo contexto, ele pode decorrer de cenas englobantes diferentes daquela que foi sua enunciação original” (MAINGUENEAU, 2021a p. 120). De maneira geral, nosso *corpus* de análise se enquadra no trânsito entre cena englobante política e a do discurso cotidiano.

A cena englobante não é capaz por si só de especificar as atividades discursivas; para isso, é necessário que se agregue a uma *cena genérica*. Esta diz respeito ao gênero do discurso em que a enunciação se desenvolve. Maingueneau (2021a) vai dizer que a ela se associam: 1) *uma ou mais finalidades*; 2) *papeis dos parceiros*; 3) *um lugar apropriado para seu sucesso*; 4) *temporalidade*; 5) *um suporte*; 6) *uma composição*; 7) *um uso específico de recursos linguísticos*. Pensando o cartaz enquanto gênero discursivo, podemos definir como finalidade a manifestação da indignação de um determinado grupo em relação a algum acontecimento ou situação. Os parceiros não são exatamente definidos, pois temos pessoas exercendo o papel daquele que questiona, mas questiona quem? O Presidente? A população? Os dois? O lugar apropriado para que o cartaz tenha o efeito que se busca ao adotá-lo como gênero é nas manifestações, neste caso, as de rua. Em relação à temporalidade, o cartaz significa dentro de uma determinada conjuntura, neste caso, a da atual situação do país e ele só faz sentido neste contexto, no momento em que se está manifestando. Em relação ao suporte, normalmente os cartazes são feitos em papeis grandes com letras garrafais, a fim de que se consiga enxergar com clareza o que está escrito a uma certa distância. Os recursos linguísticos usados são muitos e isso pode variar entre um texto e outro mas, de forma geral, os cartazes são marcados por verbos no pretérito (expondo fatos ocorridos) e verbos no imperativo (ordenando/reivindicando), e raramente é empregada a linguagem formal.

Tanto a cena englobante quanto a cena genérica asseguram a estabilidade de sentido da enunciação, mas, para se completar, ela exige uma *cenografia*. É a forma como determinada enunciação se apresenta. A cenografia tem a função de deixar a cena englobante e genérica em segundo plano, e sua escolha não é indiferente ao discurso, pois:

o discurso desenvolve-se a partir de sua cenografia, pretende convencer instituindo a cena de enunciação que o legitima. O discurso impõe sua cenografia de algum modo desde o início; mas, de outro lado, é por intermédio de sua própria enunciação que ele poderá legitimar a cenografia que ele impõe. (MAINGUENEAU, 2012, p. 117)

Na cenografia, além das figuras dos enunciadores, tem-se ligada a ela uma cronografia e uma topografia, pois sempre existe alguém falando para um outro alguém em um determinado momento e em um determinado lugar. Nesta construção, o enunciado se legitima através da cenografia e vice-versa, a fim de que se prove que a cenografia na qual está inserido o enunciado é a única possível para se alcançar a intenção de enunciação. Como explica Maingueneau (2012, p. 118), “quanto mais o co-enunciador avança no texto, mais ele deve persuadir de que é aquela cenografia, e nenhuma

outra, que corresponde ao mundo configurado pelo discurso”. Segundo Maingueneau (2021a), para que uma cenografia faça sentido, ela precisa estar em harmonia com os conteúdos que sustenta e com a conjuntura na qual ela intervém.

O interdiscurso

Maingueneau (2020) vai definir interdiscurso como sendo

... o conjunto das unidades discursivas (que pertencem a discursos do mesmo gênero, de discursos contemporâneos de outros gêneros etc.) com os quais um discurso particular entra em relação implícita ou explícita. (MAINGUENEAU, 2020, p. 286)

O interdiscurso consiste na presença de outro discurso enunciado em algum momento anterior e que aparece de forma explícita ou não em discursos atuais, ressignificados ou não. Normalmente, são discursos que remetem ao mesmo grupo de temas do discurso. A respeito do interdiscurso, Maingueneau (2021) diz que esta noção se aproxima muito da *heterogeneidade constitutiva* proposta por Authier-Revuz, a respeito da presença de outras vozes no discurso, sem marcas explícitas, isto é, onde o discurso do *outro* se encontra tão intimamente incorporado à voz do enunciador, que torna-se praticamente impossível identificá-la a partir de uma análise superficial.

Ainda sobre o interdiscurso, Maingueneau (2021b) o substitui por uma tríade composta por: 1) *universo discursivo*, que ele define como “o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada” (MAINGUENEAU, 2021 p. 33), ou seja, são todos os discursos dentro das mesmas condições de produção que interagem entre si; 2) *campos discursivos*, que correspondem ao conjunto de formações discursivas em concorrência (confronto ou aliança), que se delimitam em uma região do universo discursivo. A constituição do discurso se dá no interior de um campo discursivo. Como exemplos temos os campos da política, da filosofia, da dramaturgia etc.; 3) *espaços discursivos*, que são subconjuntos de formações discursivas selecionadas pelo analista de acordo com o propósito de sua pesquisa, baseado nos conhecimentos de textos e históricos do pesquisador. No decorrer das análises, poderemos notar que o corpus em muitas vezes refletirá discursos anteriores, ressignificados na conjuntura atual (manifestações e pandemia).

ANÁLISES

Nesta seção, analisaremos alguns cartazes registrados em fotografia, extraídas da rede social *Twitter*. Destacamos, como dito anteriormente, que trataremos o cartaz como um gênero do discurso construído através de suas cenas de enunciação. Para evitar a repetição nas análises, ressaltamos que, em todos os casos, a cena englobante e a cena genérica serão as mesmas, diferentemente das cenografias, que são únicas e particulares. A seguir, passamos às análises.

Figura 1 – Bozo e Cloroquina



Fonte: Twitter

No cartaz da figura 1, temos um exemplo da cena de enunciação que se completa com a cena englobante (discurso político e cotidiano), onde também temos a presença do discurso científico (vírus, protozoário) e genérica (gênero cartaz). Para analisá-lo, destacaremos alguns pontos importantes para nossa interpretação, a saber, os enunciados: 1) “Viva o SUS”; 2) “Fora Bozo”; 3) “É vírus, não é protozoário”.

Em maior destaque temos o enunciado “Viva o SUS”, que neste contexto pandêmico vem sendo bastante repetido, pois é através do Sistema Único de Saúde que as vacinas vêm sendo distribuídas de forma gratuita para os cidadãos brasileiros. Este enunciado se tornou um grito de ordem entre aqueles que são contra o governo atual, justamente pelo fato de o Presidente se mostrar contra a vacina, o que teria resultado na demora para comprá-las e para dar início à imunização da população (por isso também o uso da expressão “mais vacina”).

Em seguida, temos o enunciado “Fora Bozo”, já conhecida em protestos contra o Presidente do Brasil. O palhaço Bozo foi uma figura midiática conhecida no Brasil, por apresentar um programa infantil entre as décadas de 1980 e 1990. Desde o início de sua gestão, Bolsonaro foi apelidado por aqueles que não o apoiam de Bozo, primeiro pelo fato da semelhança sonora entre seu sobrenome BOLSONARO e o nome do palhaço e, em segundo lugar, pelo interdiscurso estabelecido entre a figura do Presidente, autoridade máxima do país, e a figura de palhaço, na intenção de descredibilizá-lo.

Finalmente, analisaremos o enunciado que gostaríamos de destacar: “É vírus, não é protozoário”. Como dissemos na introdução deste artigo, uma das polêmicas envolvendo o Presidente Jair Bolsonaro neste momento de pandemia foi a promoção, feita por ele, de medicamentos considerados ineficazes pela OMS para o tratamento e profilaxia da Covid-19, sendo eles a Cloroquina que, contrariando aquele organismo mundial, passou a fazer parte dos protocolos de tratamento da doença em casos leves, autorizado pelo Ministério da Saúde¹⁰. Este medicamento sempre foi usado no Brasil e tem eficácia comprovada para tratamento de casos graves de malária, doença causada por protozoários do gênero *Plasmodium* através da picada do mosquito *Anopheles* infectado¹¹ por algumas outras doenças¹². Já a Covid-19 é um vírus, que, até o momento, não possui nenhum medicamento que tenha eficácia comprovada para seu tratamento e profilaxia, a não ser as vacinas desenvolvidas em menos de 12 meses¹³. Aqui, mais uma vez, temos a presença do interdiscurso, de forma implícita, onde o discurso de Jair Bolsonaro é ressignificado e usado contra si mesmo.

Figura 2 – Fariseu

¹⁰ Disponível em: <https://iqm.unicamp.br/evid%20C3%AAncias-cient%20C3%ADficas-sobre-uso-da-cloroquina-contra-covid-19>. Acesso em: 19/09/2021.

¹¹ Disponível em: <http://www.fiocruz.br/ioc/media/malaria%20folder.pdf> Acesso em: 19/09/2021

¹² Como “amebíase hepática e, em conjunto com outros fármacos, tem eficácia clínica na artrite reumatoide, no lúpus eritematoso sistêmico e lúpus discoide, na sarcoidose e nas doenças de fotossensibilidade como a porfiria cutânea tardia e as erupções polimórficas graves desencadeadas pela luz.” Disponível em: <https://www.fiocruz.br/wp-content/uploads/2017/02/Cloroquina-ProfSaude.pdf> Acesso em: 19/09/2021.

¹³ Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/como-as-vacinas-para-a-covid-19-ficaram-prontas-tao-rapido>. Acesso em: 19/09/2021



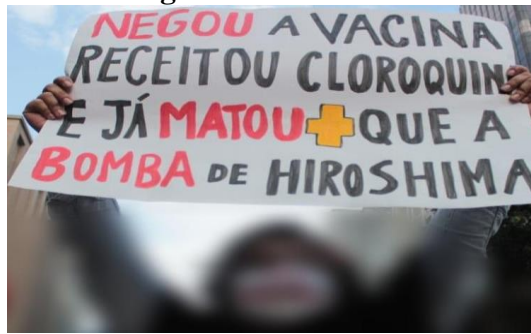
Fonte: Twitter

Na figura 2, temos a cenografia do cartaz construída a partir da formação discursiva religiosa (Deus, fariseu), colocando em segundo plano a cena englobante que é o discurso da ação coletiva, ressignificando, através do interdiscurso, os sentidos do discurso bíblico. Jair Messias Bolsonaro, desde o início de sua campanha eleitoral em 2018, deixou claro em seus discursos ser uma pessoa fiel a Deus e a sua religião, visto o *slogan* de sua campanha (“*Brasil acima de tudo. Deus acima de todos*”), deixando muitas vezes a religião influenciar em suas decisões como Presidente, mesmo o Brasil sendo um país laico. Uma das formas que o atual Presidente, na época candidato, usou para atrelar o discurso religioso à sua campanha foi o fato de seu segundo nome ser *Messias* que, segundo o discurso bíblico, é aquele que foi prometido por Deus para salvar o mundo, anunciado no Antigo Testamento, ou seja, Jesus Cristo¹⁴. Assim, em sua campanha, Jair Bolsonaro promovia a ideia de que ele seria o Messias do Brasil, que salvaria o país de todas as mazelas e corrupções.

No exemplo, temos os dizeres: “Deus é amor. Fora fariseu”. O fariseu, no sentido religioso, é um “membro de um grupo de judeus que obedecia a leis religiosas rígidas, [...] não mantinham relações com os não-crentes ou com os judeus estranhos ao seu próprio grupo, e foram considerados hipócritas e formalistas pelos Evangélicos.” (FARISEU, 2019). Neste discurso, temos a figura do Presidente atrelada à noção de hipócrita em relação ao que diz em seu discurso sobre a religião. Quando o manifestante produz o dizer “Deus é amor” e logo em seguida, “Fora fariseu”, primeiramente compreendemos que muito possivelmente ele seja uma pessoa fiel a Deus e religiosa, e compreendemos também que, para ele, o Presidente Jair Bolsonaro é o oposto de amor e de tudo o que prega Deus. O termo “fora” também é característico do estilo verbal dos cartazes de manifestações, ressurgindo neste cartaz contra o gestor do país.

¹⁴ Disponível em: <https://www.respostas.com.br/significado-de-messias/> Acesso em 29/09/2021.

Figura 3 – Hiroshima



Fonte: Twitter

Neste cartaz (figura 3), temos o enunciado organizado em rimas, estrutura comum em poemas, o que nos mostra uma cenografia constituída no interdiscurso com o discurso literário. No primeiro verso, temos o enunciado “negou a vacina”, remetendo mais uma vez ao fato de o Presidente pôr à prova as vacinas criadas para combater a Covid-19 e se negar a comprá-las no momento que poderia ser crucial para a redução de casos e mortes no Brasil, por causa do vírus. No segundo verso, temos “receitou a cloroquina” que, como já foi dito nesta seção, foi um dos pontos que mais marcaram o enfrentamento ao Coronavírus no país, por parte de Bolsonaro. Nos dois primeiros versos, temos a referência a episódios que ocorreram já no contexto pandêmico, todavia, no último verso, o interdiscurso que interpela o enunciado se encontra na história mundial: A bomba de Hiroshima.

O ataque à cidade japonesa de Hiroshima aconteceu em agosto de 1945, e foi uma tentativa dos Estados Unidos de conseguir a rendição do Japão, obtendo a vitória na Segunda Guerra Mundial. A bomba era composta por 64 kg de Urânio 235 e seus efeitos resultaram na destruição de uma área de 10 km² da cidade. Seus efeitos puderam ser sentidos a mais de 60 km de distância. Ainda não se sabe exatamente a quantidade de mortos devido ao desastre, pois até hoje muitos sofrem com as sequelas deixadas pela radiação pela bomba, porém, estima-se que foram mais de 100 mil mortos¹⁵. E apesar de ser lembrado até hoje como um dos episódios mais trágicos da história, o número de mortos em Hiroshima foi inferior ao número de mortos por Covid-19 no Brasil.

Pelo fato de o Presidente incitar por várias vezes os brasileiros a usarem a cloroquina, se negar a promover a vacinação, dentre muitos outros episódios em que minimizou o risco do vírus, e também por ser a figura de maior poder do país, tendo seu discurso refletindo no aumento de contaminados e consequentemente de óbitos, hoje, aqueles que não apoiam o seu governo, o responsabilizam pelas mortes decorrentes do vírus.

¹⁵ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/resources/idt-a05a8804-1912-4654-ae8a-27a56f1c2b8a> Acesso em: 19/09/2021.

Figura 4– Genocida



Fonte: Twitter

Neste último cartaz, temos o enunciado organizado em uma cenografia que remete o leitor, pela memória discursiva, às placas de proibição. A organização semiótica do cartaz, em que se destacam as cores amarela e preta, e a presença do símbolo de “proibido” são muito marcantes dessa estrutura, como vemos a seguir:

Figura 5 – Exemplos de placas de proibição



Fonte: Google

Ao usar desta cenografia, o manifestante impões seus enunciados, que são suas reivindicações, em palavras de ordem que devem ser seguidas e respeitadas, assim como as placas de proibições no trânsito que, se desrespeitadas, geram consequências aos cidadãos.

Em relação ao estilo verbal do cartaz, temos dois pontos importantes: o enunciado “não tire a máscara” e a palavra “genocida”. O primeiro, mais uma vez, faz referência aos episódios polêmicos do Presidente, nos quais ele desincentiva o uso de máscara, considerado um dos métodos mais eficazes par evitar a disseminação do vírus. Já a palavra “genocida”, desde o início do ano de 2021, é empregada neste contexto pandêmico. Ela tem como significado dicionarizado “pessoa que ordena ou é responsável pelo extermínio de muitas pessoas em pouco tempo” (GENOCIDA, 2021).

A história mundial já registrou vários episódios de genocídios, sendo um dos mais conhecidos o *Holocausto*, que ocorreu durante a Segunda Guerra mundial e tem como principal responsável Adolf Hitler, este que acreditava na superioridade da raça ariana e que foi responsável pela morte de aproximadamente seis milhões de judeus¹⁶. No Brasil, como foi dito na análise anterior, o Presidente Bolsonaro é responsabilizado, segundo a oposição, por mais de meio milhão de mortes causadas pelo

¹⁶ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/13/internacional/1505304165_877872.html. Acesso em 19/09/2021.

vírus, que poderiam ser evitadas se as medidas de biossegurança tivessem sido incentivadas e respeitadas por ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, tivemos como objetivo descrever e analisar as diferentes construções de sentido possibilitadas pelo contexto pandêmico no contexto das manifestações de rua, pensadas enquanto acontecimento discursivo, a fim de identificar como os significados se atualizam nas atuais condições de produção.

Por meio das análises de quatro cartazes, pudemos identificar que a maior parte deles constroem suas cenas enunciativas através de uma cenografia que não condiz com sua cena genérica e/ou cena englobante, justamente por não serem estáveis e por transitarem entre a esfera do cotidiano e a esfera política. Também conseguimos identificar a presença do interdiscurso em todos os cartazes analisados, sejam aqueles ligados a episódio polêmicos envolvendo o Presidente, sejam aqueles ligados a episódios da história do país e da história mundial.

Diante do exposto, foi possível concluir que as manifestações são uma situação comunicativa com alto grau de produção e (res)significação de discursos, o que faz delas acontecimentos discursivos. Também conseguimos identificar as cenas englobante, genérica e a cenografia de todos os objetos analisados, confirmando, assim, a hipótese de que o cartaz é um gênero do discurso. Desse modo, acreditamos ter sido possível demonstrar que a memória discursiva é fundante dos discursos sociais, a exemplo dos cartazes de manifestações de ruas, que se encontram no limite entre discurso oficial (sujeito da política) e ordinário (sujeito dos cotidiano).

REFERÊNCIAS

- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. 3. ed. atual. São Paulo: Contexto, 2020. 555 p.
- FARISEU. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2019. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/fariseu/>. Acesso em: 19/09/2021.
- GENOCIDA. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2019. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/genocida/> Acesso em: 19/09/2021
- MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. 2. ed. atual. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. 183 p.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Tradução: Sírio Possenti. 1. ed. atual. São Paulo: Parábola Editorial, 2021a.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. 2. ed. atual. São Paulo: Parábola Editorial, 2021b. 184 p.
- NOVAES, Tatiani Daiana de. **Enunciado dos cartazes das manifestações de junho de 2013**: uma forma carnavalesca de contar a história do Brasil. 1. ed. João Pessoa - PB: IFPB, 2019.
- RASSI, Amanda P. Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: uma análise da “Marcha das Vadias”. **Revista de História da UEG**, Goiânia, v.1, n.1 p. 43-63, 2012.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. *In*: ACHARD, P. et al. (Org.) **Papel da memória**. Trad. e Introd. de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 5 ed. Tradução: Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2008.